

Fernando Augusto – Pintura fora da pintura, segundo movimento.

Distante da pretensão de atrelar uma vertente exclusiva da obra de Fernando Augusto, os seus livros de artista, a algumas divagações teóricas que venho tecendo desde 2005 sobre a interface entre a pintura e a noção de campo expandido (1), objetivo fazer deste texto, um link de dentro para fora, relacionando a poética deste singular desenhista pintor, a estas questões que acredito, estarem inseridas no contemporâneo.

Frente às condições desfavoráveis para a pintura no eixo cultural Rio - São Paulo e subjacências, somadas às experiências que a partir da década de sessenta, fizeram com que, os anteriormente definidos campos linguísticos, se interpenetrassem gerando o que hoje se denomina hibridismo, restou para aqueles que “ainda pintam”, buscar estratégias de duração dentro do sistema de arte. Para isto os pintores sobreviventes lançaram mão de toda forma de ação pictórica, fora da tradição do “pincel e tinta sobre tela”, fazendo com que configurações visuais, planares ou não, fizessem uso de recursos gramaticais oriundos de diversos campos expressivos simultaneamente. Neste sentido, grande parte de tudo o que hoje vemos, pode ser qualquer coisa, só não é “exclusivamente” pintura, porém, em muitos casos, é reconhecível o fato de que estas obras foram executadas através do olhar de quem já pintou. É neste contexto e a partir desta concepção de arte que tentarei uma rápida abordagem sobre a instalação nomeada Biblioteca que Fernando Augusto apresenta nesta exposição.

Cito o termo instalação, mas em verdade trata-se de objetos organizados no espaço da galeria que na sua totalidade visual, lidos como sistema, suscitam uma configuração de natureza espacial e instalada. Agora afastado o termo “instalação”, podemos então comentar este trabalho pelo prisma restante do “objeto”. Deste modo, os livros de artista de Fernando Augusto o, são assim vistos, em função da similaridade estrutural de objeto que neles podemos reconhecer. O fato dos livros estarem em vitrines, não implica na impossibilidade relacional, os mesmos, com acompanhamento de monitores, podem em tese, de lá serem retirados e manuseados pelos frequentadores. A entrada em cena de um observador ativo viabiliza dois tempos distintos de relação com a obra. Em uma primeira leitura, digamos em sua distância e opacidade, vemos um livro cujas páginas foram encobertas por uma grossa camada de tinta negra, tal imagem, além de toda carga semântica que qualquer livro possa conter, é uma pintura, sua natureza é planar, nosso olhar percorre a princípio, uma frontalidade pictórica que nas suas reentrâncias e lapsos de cobertura de tinta, revelam ainda a palavra, e estas denunciam toda latência verbal que repousam no suporte. Em uma outra oportunidade, quando nos aproximamos mais ainda da obra, pode-se abrir a vitrine, pegar o livro e folheá-lo. Terminado este trânsito relacional, tal como o “não-objeto” (2) de Ferreira Gullar, o livro-pintura-objeto de Fernando agora devolvido à vitrine, não é mais o mesmo que vimos no afastamento do primeiro momento da leitura, agora vivenciado pelo observador, pulsa com todo o seu conteúdo latente e recoberto, transcende a opacidade e ganha status de objeto especial. A

interatividade com a obra, faz com que nasça neste encontro, entre obra e fruidor, um conhecimento novo que emerge da imediaticidade desta experiência, o fenômeno.

Pinturas reclusas no interior das páginas de livros arquivados, tal como em uma biblioteca, talvez daí, a legenda da instalação, estão dispostas ao uso e mudança de compreensão. Pinturas travestidas de outras coisas subsistem e subvertem a obscuridade que esse meio expressivo tem sido condenado. Fernando Augusto inserido neste ambiente cultural é mais um na trincheira, suas pinturas fora da pintura, são testemunhos desta condição da arte de hoje.

João Wesley de Souza – março de 2008

(1) Citamos como campo expandido, toda experiência estéticas que escapa dos limites dos meios expressivos, então aceitos como perfeitamente delimitados, pela cultura moderna que Rosalind Krauss aponta no texto *Escultura no Campo Ampliado*, Revista *Gávea*, nº. 1, Rio de Janeiro, 1984. (2) Na sua "teoria do não-objeto" Ferreira Gullar preconiza a arte conceitual, seu não-objeto nada mais é do que um fenômeno, um objeto especial, um conhecimento que aparece na relação entre a obra e um observador ativo, puro espaço antropológico que inclui o observador, seu corpo, experiência e imaginário.